

# FAZER DA SEGURANÇA POPULAR UMA FORÇA DE CHOQUE

MACHEL 821011

Speech by Samora Machel  
on "Day of Vigilance."

Hoje, dia 11 de Outubro festejamos o dia do nosso instrumento de Defesa das nossas conquistas, da nossa Revolução.

Festejamos o nosso instrumento de luta contra a subversão política, ideológica e económica, contra o divisionismo, contra o tribalismo, regionalismo e racismo.

Festejamos o nosso instrumento pela dignificação do homem moçambicano, pelo desenvolvimento da luta de classes e da luta ideológica, pela emancipação económica, pela Unidade Nacional, e força invencível do Povo Moçambicano.

Com a Unidade Nacional, conseguiremos forjar a Nação Moçambicana.

Temos de definir em cada etapa, os nossos inimigos principais e os seus agentes.

Assim estabeleceremos com exactidão a nossa estratégia e a nossa táctica para vencermos todas as manobras subversivas do inimigo.

A nossa luta, a luta do Povo Moçambicano atingiu agora a fase decisiva.

O nosso inimigo promove o acambramento, a especulação, pretende institucionalizar a candonga.

Movidos pela avariz, pela ganância de ganhar muito e depressa, desviam os circuitos normais e legais os produtos que fazem falta à população (a roupa, a sapatinha, o sapato, as chinelas, o frango, os ovos, o sal, o açúcar, o arroz, a carne, o peixe, etc.). Vendem-nos na candonga, explorando criminosamente o povo trabalhador.

É esta a tarefa de vigilância, do SNASP combater estes inimigos, garantir a tranquilidade, o sossego e o progresso. Temos de vigiar ali na África do Sul, onde toda a acção do inimigo é planeada contra nós.

Mas não se pode estabelecer uma vigilância popular sem haver legalidade revolucionária, sem haver desenvolvimento do sistema socialista, sem a participação consciente e activa da população.

Por isso, vamos institucionalizar o dia 5 de Novembro, «O Dia da Legalidade».

A participação popular consciente significa que para qualquer cidadão a independência nacional deve ser registada como um acontecimento importante na história da humanidade.

Quando proclamamos a independência, enterremos: as mais negras páginas da história da colonização, a exploração e opressão, a humilhação, a discriminação política, social, económica e racial.

O cidadão deve saber que, antes de tudo, deve defender a independência. Sem independência, não há desenvolvimento, sem independência não há melhoria das condições de vida, sem independência não há paz. Independência e paz são inseparáveis, estão indissoluvelmente ligadas.

Por isso, conquistada a independência, a nossa luta é pela paz e progresso.

Porque somos independentes, a terra é nossa. A terra foi não só libertada, mas também recuperada. Ela pertence ao povo, assim como os recursos do solo e subsolo.

É esta a razão por que não nos admiramos por terem surgido os bandos armados.

Os bandos armados são financiados pelos vossos antigos patrões, pelos antigos proprietários de prédios que praticavam a discriminação, pelos antigos donos das fábricas de cimentos, pelos Cardigas, pelos proprietários da Cooperativa dos Criadores de Gado, pelos donos do gado e das terras, pelos proprietários dos transportes de longo curso pelos antigos senhores do comércio e da indústria.

A África do Sul dispõe de biliões de rands e dólares para financiar acções para destruir o nosso Poder Popular.

Repetimos: é lá, na África do Sul que a nossa vigilância tem de começar.

Os bandos armados instalaram centros de recrutamento de mercenários em muitos países, em particular nalguns países ocidentais com quem o nosso país tem relações diplomáticas. É nestes países e na África do Sul que estão os pretensos «dirigentes» dos bandos armados.

São os mesmos que contra nós lutaram ontem; que estiveram

ligados ao colonialismo: é o Pide, o criminoso de Wiriamu, o assassino de Inhanga.

Que dizer destes bandidos, quando os bandos armados são chefiados pela sinistra figura de Orlando Cristina, conhecido agente da Pida e homem estreitamente ligado a Jorge Jardim, quando a sua direcção integra Daniel Roxo, o homem da Pida que conduziu massacres contra o nosso Povo na provincia de Niassa? Ainda duvidamos da natureza dos bandidos?

No próximo ano gostaríamos de festejar «O Dia da Vigilância Popular» com todos os homens da Segurança fardados e armados, não apenas como força de consolidação, mas também como força de choque (palmas). Uma força de choque para desbravar a terra, para revolver a terra, gradar e semear.

Queremos ver o produto da vossa semente em publico.

Organizemo-nos a todos os níveis, a nível central e provincial, na localidade, na aldeia, na fábrica, na machamba estatal, no bairro, no porto e caminhos de ferro, para aniquilarmos o nosso inimigo principal. Temos de garantir o sucesso do IV Congresso, do Sistema Nacional de Educação até à Aldeia Comunal.

Façamos pois da consolidação para o choque. Reestruturamo-nos, organizemo-nos com objectivo claro: liquidar o bandidismo armado.

Isso só é possível armando o povo, fazendo dele um activo participante e vigilante.

Sentimos que crescemos.

Os revolucionários crescem nas dificuldades. Não há batalha que se vença sem dificuldades, não há vitória sem sacrifícios. Mas não consentamos sacrifícios inúteis.

Purifiquemos constantemente as nossas fileiras. Façamos como os médicos que fazem a vacina periodicamente para ganhar a imunidade e assim vamos impermeabilizar as nossas fileiras.

Cada acontecimento deve ser uma batalha, uma lição, uma experiência onde retemos os aspectos positivos e negativos.

Celebramos o 7.º aniversário da criação do SNASP quando

Jorge Costa se entrega aos racistas, quando foge um Embaixador do seu posto.

Anteriormente foi um piloto que fugiu com um Mig. Foram recrutados pela África do Sul.

Não são fenómenos estranhos ao processo revolucionário. Todo o processo revolucionário carrega a traicão, mas em escala muito maior transporta o heroísmo, a certeza na vitória, a determinação do Povo (palmas).

Os lacaios, os desertores, os traidores agudizam e estimulam a nossa vigilância.

Fogem porém sentirão o cerco mais apertado. Já não tinham campo de manobra.

Quando fogem congratilamo-nos. Pelo menos deixam de ser agentes, e passam a ser traidores. Deixamos de especular, de desconfiar e passa a ser um facto.

Mas não é um factor novo na nossa Revolução.

A FRELIMO conhece bem este tipo de experiência, a nossa história conhece muitos exemplos de traicão, de deserção, de nos quererem confundir com o inimigo.

Mas não devemos consentir a traicão ou a deserção, não devemos permitir que seja tradição, sobretudo em homens de uma República Popular.

Qual será o fim desta batalha?

Sairemos vencedores.

As condições internacionais são favoráveis para nós. Ouvindo sairmos vitoriosos na luta contra os bandos armados sairemos mais radicais; os moderados serão mais radicais, os radicais mais extremistas, os extremistas mais implacáveis, os menos esclarecidos e os confusos, sairão mais esclarecidos.

Todó o povo será envolvido e sairá desta batalha mais forte, mais revigorado.

Obrigado.